

A PRÁTICA DO DESENHO DA FIGURA HUMANA COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM E APERFEIÇOAMENTO DAS HABILIDADES DE DESENHO

JOÃO PEDRO MARQUES DOS SANTOS¹; PEDRO DE OLIVEIRA FERRER²;
CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT³

¹Universidade Federal de Pelotas – joaopedro_mds@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pedrojacutingo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem como objetivo refletir sobre as práticas da Oficina de Desenho da Figura Humana no Centro de Artes da UFPEL. Ministradas por João Pedro Marques dos Santos, aluno do Design Digital e bolsista de extensão do projeto *Desenho de Figura Humana: intervenções, mostras e ações*, e Pedro de Oliveira Ferrer, também aluno do Design Digital, as oficinas acontecem todos os semestres desde 2016 como um projeto de extensão. Este projeto é orientado pela professora Carolina Rochefort, atuante no Centro de Artes da UFPEL, na disciplina de Desenho da Figura Humana. Nas oficinas, contamos com uma sala equipada com cavaletes, livros e materiais artísticos que são utilizados para representar, através do desenho, um modelo vivo que é disposto no centro da sala. Os ministrantes/monitores são responsáveis por explicar com clareza e minúcia os fundamentos do desenho necessários para que os alunos consigam expandir ao máximo seus conhecimentos empregando e explodindo os mesmos durante e após as aulas com o modelo.

Como a oficina se trata de um projeto de extensão, as aulas são abertas à maioria dos públicos, então, muitos dos participantes não são alunos do Centro de Artes nem alunos da UFPEL. Acreditamos que todas as trocas de conhecimento que acontecem nas aulas devem alcançar e beneficiar o máximo de pessoas possível. Nas aulas, abordamos muitos dos fundamentos do desenho com base na bibliografia escolhida como a mais influente e recomendada por artistas profissionais que trabalham e ensinam nesta área, juntamente da nossa própria experiência adquirida com a prática do desenho durante os anos. Os fundamentos artísticos ensinados tratam da observação e simplificação de formas básicas – formas geometrizadas - e a representação delas no desenho do corpo humano, além de um entendimento atento e aprofundado da anatomia humana a fim de constituir uma obra sólida e precisa, assim como proposto por HUSTON (2016), LOOMIS (2011) e HAMPTON (2009).

2. METODOLOGIA

As aulas da oficina contam com a presença imprescindível dos alunos, que ao concordarem em participar das aulas, devem colaborar com uma taxa que é exclusiva para o pagamento dos modelos, havendo assim uma contribuição de todos os envolvidos.

Muitos dos participantes que entram na oficina não possuem afinidade com o desenho ou nunca viram o desenho como uma prática artística interessante. Como ministrantes, devemos explicar com bases teóricas e demonstrações práticas como o aluno deve analisar e executar os diversos métodos de representação visual do que está sendo utilizado como objeto de estudo, neste caso, o corpo humano. As sessões de modelo vivo duram em média 3 horas e cada pose do modelo é cronometrada. Os tempos variam de 3 a 30 minutos, sendo progressivo e alternado de acordo com o conteúdo da oficina. Um exemplo de pose rápida seria a que o modelo posa por apenas 3 minutos, este tempo proporciona ao aluno a capacidade de análise rápida do que está à sua frente bem como a tomada imediata de decisões do seu desenho. Esta temporalidade não vai resultar em um desenho detalhado e finalizado, mas sim uma síntese do todo, que tenta capturar a essência da pose em questão. Já as poses mais demoradas, como um retrato, são úteis para o aprendizado de finalização e de desenvolvimento de formas mais complexas, detalhamentos, atingindo um nível mais alto de semelhança do desenho com o modelo. As poses demoradas permitem que o aluno questione mais sobre suas decisões e ajudam a desenvolver mais senso crítico acerca de quais caminhos tomar para resolver e finalizar um desenho.

Métodos como segurar o lápis através da palma da mão e movê-lo usando a “rotação” do ombro ao invés do pulso (HUSTON, 2016 p. 18,) são práticas básicas que muitas pessoas não têm conhecimento e acabam por influenciar em traços que vão estar mais direcionados e menos “cortados” no desenvolver do desenho.

A prática de como observar e aferir as medidas do modelo e colocando em uma folha de papel sua representação com proporções acuradas é de grande importância, pois há uma grande diferença na percepção do artista ao observar um objeto em tamanho real, como um modelo vivo, e copiar um modelo de uma foto. A presença de um modelo vivo é essencial para que os artistas participantes tenham a noção necessária do “real”, pois o desenho da figura humana treina os olhos para enxergar particularidades que as fotografias simplesmente não conseguem capturar. Ao ter ciência dessas particularidades, o artista passa a ter a capacidade de manipular com mais clareza a sua representação, podendo exagerá-la ao seu gosto, como é visto em animações, por exemplo. Segundo CELESTINO (2016, p.XX): “O desenho da figura, além de poderosa ferramenta de expressão, também é, na minha opinião, um veículo de introspecção e admiração do ser humano em todas as suas imperfeições e diferenças. [...] Acredito que seu estudo seja importantíssimo para transformar a forma como nós vemos e como vemos a todos à nossa volta.”

Esta manipulação da realidade é extremamente necessária para o artista, podendo ser utilizada para o desenho de imaginação, ela pode ser feita utilizando-se

do princípio de estrutura e/ou construção de formas tridimensionais simples, como o cubo, a esfera e o cilindro. Dominando estes três elementos e combinando-os em formas conjuntas e mais complexas, o aluno consegue transmitir a tridimensionalidade do modelo para o papel e ter um bom esboço (construção) que serve como base para desenhos e pinturas mais finalizadas. Para entender a ideia de estrutura é recomendável pensar como um escultor, significando que construímos nosso desenho e nossa pintura (como na escultura) por uma série de formas básicas construídas. Estrutura então, segundo Steve Huston (2016, p. 23) são as partes tridimensionais distintas de qualquer objeto em particular.

É importante destacar que as oficinas também exploram a metodologia expositiva e demonstrativa de obras de artistas consagrados que dominavam os fundamentos do desenho. A apresentação dessas referências auxilia nas soluções e desenvolvimento de estilos que os alunos podem adotar para seu próprio desenho, proporcionando um vocabulário visual que não seria atingido sem o contato e análise cuidadosa desses artistas e suas obras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde 2016, as oficinas já foram procuradas por muitos participantes, incluindo alunos de vários cursos da UFPEL que não possuem nenhum contato com o campo das artes num âmbito geral, assim como alunos de outros institutos de educação como o IFSul. Até mesmo professores que têm interesse em desenvolver suas habilidades artísticas participaram pontualmente e recomendaram aos seus alunos.

Durante o desenrolar do semestre, é possível notar mudanças significativas e marcantes nos desenvolvimentos e resultados dos participantes que, orientados pelos monitores, conseguem pôr em prática toda a teoria fundamental que foi explicada. Uma parte importante para o desenvolvimento do artista é quando o mesmo recebe críticas sobre o seu trabalho, fazendo com que ele se sinta instigado a entender o que pode melhorar em seu processo. Durante as aulas, os monitores são responsáveis por criar um ambiente amigável onde não há julgamentos a partir de habilidades artísticas, mas sim sobre a utilização dos métodos de desenho demonstrados. A partir das indicações e correções, os participantes se sentem mais confiantes a prosseguir aprimorando seus trabalhos tendo em mente que são os fundamentos ensinados que são de extrema relevância para que ele atinja um resultado mais próximo ao desejado.

Apesar de muitos dos participantes aproveitarem as aulas oferecidas, há uma grande taxa de evasão nas semanas finais das oficinas, como muitas vezes relatado pelos mesmos, as faltas são devido a falta de tempo para se comprometerem com as aulas devido à quantidade de atividades que são de maior importância na carreira estudantil e/ou profissional. Isso causa uma defasagem no número de participantes quanto mais avançam as aulas, fazendo com que pouquíssimos participantes tirem o proveito máximo do conteúdo e das experiências proporcionadas.

4. CONCLUSÕES

Em conclusão, as aulas da oficina de desenho da figura humana se mostraram de grande relevância para diversas pessoas devido ao seu âmbito cultural, onde foi concretizada a ampliação de ensinamentos de práticas artísticas para os cidadãos da cidade de Pelotas e não somente dentro da universidade. Assim, as atividades realizadas como prática de extensão devem ser encorajadas para que seja enriquecida a propagação de conhecimento além das áreas de ensino e pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUSTON, S. **FIGURE DRAWING FOR ARTISTS: Making Every Mark Count**. Beverly, MA 01915, USA: Quarto Publishing Group USA, 2016.

HAMPTON, M. **Figure Drawing: Design and Invention**. 2009.

LOOMIS, A. **Figure Drawing for All It's Worth**. USA: Titan Books, 2011.

CELESTINO, L. **Desenho da Figura Humana - Por onde começar de forma eficiente?**. Brushwork Atelier 2016. Disponível em: <https://brushworkatelier.com/blog/2016/3/26/figura-humana-comecar> . Acesso em: 05 set. 2017.